

Arquivo Histórico de Joinville

Volume 3 Número 1 Dezembro de 1985.

Criado pela Lei Municipal n. 1182 de 20/03/1972 na gestão do
Prefeito Harald Karmann, tendo sido seu 1º Diretor A.B.Schneider

Prefeitura Municipal de Joinville - PMJ
Prefeito: Sr. Wittich Freitag

Fundação Cultural de Joinville - FCJ
Presidente: Prof. Miraci Dereti

Arquivo Histórico de Joinville - AHJ
Responsável: Maria Thereza Böbel

Equipe de Trabalho:

Elly Herkenhoff - Historiadora
Gessônia Leite de Andrade - Datilógrafa
Carmen Buchholz - Datilógrafa
José da Silva - Auxiliar
Adriana Maria Pereira - Estagiária

Arquivo Histórico de Joinville - AHJ
v.1, n.1, out./1983 Joinville, 1983
Trimestral.

I. Documentação. História de Joinville.
Periódico.

CDU 002:9(816.42J)(05)

CDD 029.7098154005

Arquivo Histórico de Joinville

SUMÁRIO

página

Terra Oca?

Elly Herkenhoff..... 5

Tradução da ata do lançamento da pedra fundamental da
Igreja da Paz, lavrada por Ottokar Doerffel

Transcrição e tradução: Maria Thereza Böbel..... 11

Relatório Trimestral de Atividades..... 15

Terra Oca?

Elly Herkenhoff

Sob o título original norte-americano "The Hollow Earth" existe um fascinante livro que, traduzido para o português, tornou-se agora acessível ao público leitor brasileiro.

Na realidade, o conteúdo da obra não é apenas fascinante. É inaudito, assombroso e até mesmo um tanto assustador, já que, ao apresentar "A Terra Oca", o autor procura convencer-nos de que todos nós, doutos ou leigos, estamos redondamente enganados, assim como redondamente enganados estavam todas as gerações de cientistas dos últimos séculos, todos os geógrafos, cartógrafos, historiadores, navegantes, que vinham proclamando - convictos da infalibilidade de suas concepções - ser a Terra uma esfera sólida, na qual os dois pólos são pontos fixos.

Sim - porque, segundo o dr. Raymond Bernard, autor de "A Terra oca", a verdade é bem outra. Na verdade, o nosso globo terrestre constitui, nada mais, nada menos, que uma esfera oca, aberta nos assim chamados pólos, uma esfera iluminada e aquecida por um sol central e habitada por gente de carne e osso, gente de uma raça bem mais evoluída do que nós, descendente dos atlantas, os habitantes legendários da legendária Atlântida, submersa em tempos imemoriais, durante pavorosa catástrofe no Oceano Atlântico, segundo as narrativas de Platão...

Os argumentos apresentados pelo autor em defesa da teoria - apresentados e repetidos e repisados e reapresentados - vão desde o testemunho de exploradores das zonas polares, entre os quais o Contra-Almirante Richard E. Byrd, da marinha norte-americana, até a presença intrigante dos discos voadores, procedentes daquele mundo fantástico, fantasmagórico, construídos por aquela humanidade intraterrícola, da qual, sem sombra de dúvida, teríamos muito, muito que aprender...

Diz o dr. Raymond Bernard no prefácio do livro, à página 25, o seguinte:

"A teoria de uma terra oca foi primeiro formulada por um escritor americano, William Reed, em 1906, e mais tarde ampliada por outro americano, Marshall B. Gardner, em 1920. Em 1959, F. Amadeo Giannini escreveu o primeiro livro no assunto desde o de Gardner, e no mesmo ano Ray Palmer, editor da revista "Flying Saucers", ampliou a teoria, para fornecer uma explicação lógica para a origem dos discos voadores.

As teorias de Reed e Gardner encontraram confirmação nas expedições ao Ártico e a Antártica, do Contra-Almirante Richard E. Byrd, em 1947 e 1956, respectivamente, que penetraram por 2.730 quilômetros além do Pólo Sul, num novo e desconhecido

território, sem gelo, não registrado nos mapas, estendendo-se dentro das depressões polares e nas aberturas que levam para o interior oco da Terra. A verdadeira significação das grandes descobertas do Almirante Byrd foi silenciada logo depois que enviou seu relatório pelo rádio do seu avião e não mereceu a devida atenção, até que Giannini e Palmer publicaram o assunto".

A reação dos leitores de "A Terra Oca" em sua totalidade, não será de absoluta e unânime concordância - decerto que não. De perplexidade, talvez, ou de ceticismo ou mesmo de revolta. No entanto, qualquer leitor catarinense e, sobretudo, joinvilense, por mais incrédulo, irá se deter à página 228 do livro, para ler e reler o trecho ali impresso, que textuamente reza o seguinte:

"Um dos primitivos colonos alemães de Santa Catarina, no Brasil, escreveu e publicou um livro em alemão antigo, tratando do Mundo Subterrâneo, baseando-se para isto em informações dos índios. O livro descreveu a Terra como sendo oca, com um sol em seu centro. O interior da Terra foi dito ser habitado por uma raça de frugívoros, livres de doenças e de vida muito longa. Este Mundo Subterrâneo, o livro afirmava, era ligado à superfície por túneis que se abriam principalmente em Santa Catarina e regiões limítrofes do sul do Brasil.

O autor dedicou quase seis anos de investigações ao estudo dos túneis misteriosos que se entrelaçam sob Santa Catarina, construídos obviamente por uma raça antiga, a fim de alcançar as cidades subterrâneas. As pesquisas ainda estão em andamento. Numa montanha, perto de Joinville, o canto coral dos homens e mulheres atlantas tem sido ouvido repetidamente - também o "Canto do Galo, que é a indicação da existência da abertura de um túnel que conduz a uma cidade subterrânea. O canto não é produzido por um animal, mas provavelmente por alguma máquina".

Quanto ao "primitivo colono alemão de Santa Catarina", nada sabemos. Nem o seu nome, nem o título de sua tão preciosa obra e nem tampouco a época em que viveu. Poderíamos até mesmo admitir a possibilidade de ter vindo em alguma expedição portuguesa, muito, muito antes da Independência e da colonização alemã no Brasil, já que ele escreveu em "alemão antigo", pois nem no tempo da fundação de Joinville, em 1851, nem tampouco em 1829, quando surgiu a primeira colônia alemã em território catarinense, usava-se "alemão antigo". O idioma alemão, falado e escrito àquela época, era o mesmo idioma alemão de hoje. A ortografia era diferente, sim, o estilo era outro, o vocabulário, evidentemente, um tanto diverso, assim como no português do século passado a ortografia, o estilo e o vocabulário eram diferentes, contendo definições hoje em desuso e, por outro lado, sem as muitas expressões modernas, surgidas com a evolução da ciência e da tecnologia. Existe apenas um detalhe todo especial, quanto à letra alemã ou gótica - hoje completa-

mente abolida - que era de emprego generalizado no século passado, tanto nos manuscritos como nos impressos.

Portanto, ao escrever a sua obra em "alemão antigo" - em idioma alemão antigo - o colono assim deve ter agido com um propósito todo especial - evidenciando, com esta faceta, a sua vasta cultura e erudição.

Mas, segundo Raymond Bernard, o nosso colono, ao descrever a Terra como sendo oca e habitada em seu interior, fez uma assombrosa revelação, quanto à montanha existente perto de Joinville, onde "o canto coral dos homens e das mulheres atlantas tem sido ouvido repetidamente"...

Assombrosa e assustadora, sim - porque, admitida a existência real da humanidade multimilenear no interior da Terra, e a suposta rede de túneis no subsolo catarinense vista pelo prisma miraculado do colono alemão, as nossas duas "montanhas mágicas", o Monte Crista e o Castelo dos Bugres, ambas nas proximidades de Joinville, ambas envolvidas em mistério e lendas, ganhariam dimensões inéditas, transcendentais...

Ambas - porque seria difícil atinarmos qual das duas exatamente é aquela indicada pelo autor. Na verdade, há muita gente que jura ter ouvido vozes, vindas do fundo das cavernas, existentes, tanto no Monte Crista como no Castelo dos Bugres...

No Monte Crista - assim reza a tradição - há tesouros imensos, que os jesuítas, ao serem expulsos do Brasil, ali esconderam em lugar seguro, até hoje não descoberto ou, quem sabe, já descoberto e redescoberto e mexido e remexido e saqueado há muito tempo...

Realidade ou não - o certo é que existe velha lenda, hoje esquecida, envolvendo de modo especial o Castelo dos Bugres em mistério e romantismo. É uma saga transmitida pelos índios aos imigrantes alemães e a nós retransmitida em preciosíssima página do "Kolonie-Zeitung", datado de 11 de dezembro de 1896.

Pois ali está um poema - infelizmente anônimo - dividido em oito estrofes, intitulado "Das Bugerschloss" (O Castelo dos Bugres), no qual o autor, em versos rigorosamente rimados e ritmados, nos conta a lenda, antiquíssima, perdida nas brumas e no silêncio, a lenda que a brisa, sussurrando, espalha pelo arvoredado da montanha.

Revela-nos o poeta ao longo dos versos, o segredo do Castelo dos Bugres ali construído todo de rochas, com as suas salas já enegrecidas e seus telhados reluzentes. Mostra-nos o "nobre cavalo branco" diante do átrio de pedras, preso dentro do espinheiral, cada vez mais espesso e emaranhado, cada vez aterrorizando o animal, que ali aguarda a descida da ponte móvel, que irá permitir a saída do senhor, que um dia ali penetrou. Mas enquanto "o cacique" não sair do castelo, não haverá libertação para o pobre cavalo angustiado, sem saída e sem esperança. Somente quando "cavalos-vapor" vierem a rodar sobre trilhos de ferro, é que terá chegado a hora da liberdade,

com a destruição do matagal. O "cacique", porém, assim finaliza o autor, ainda irá permanecer por longo tempo no interior do Castelo dos Bugres, enquanto aqui fora, pela estrada, gente apressada irá passando, espreitando o íngreme castelo e o cavalo branco, seu guardião... - - -

Extremamente sugestivo como poesia e, como documento, imensamente valioso.

É interessante que o poeta emprega o termo "Kazike", forma germanizada do espanhol "cacique", o qual define assim como o português "cacique", um chefe índio em qualquer região das Américas. Deste modo, impõe-se ao leitor a imagem - absurda - do indígena brasileiro como dono do "nobre cavalo branco".

Menos absurda, mais coerente, seria então a imagem de um "cacique" atlanta, como dono do "nobre cavalo branco" no pátio do castelo. Um "cacique" ou um guia, chefiando o grupo de atlantas sobreviventes da catástrofe, aquele grupo que se teria refugiado na costa sul do Brasil, e aqui teria construído cidades subterrâneas...

Quanto à autoria do poema, inexplicavelmente anônimo, não há nenhuma possibilidade de chegar-se a uma conclusão satisfatória hoje, quase um século depois. Vários eram os poetas de língua alemã, aqui radicados, naquele fim do século: o joinvillense Ernesto Niemeyer, nascido em 1863, um dos mais famosos escritores de língua alemã, no Brasil. O professor Carl Julius Parucker, imigrado em 1853, o comerciante Wolfgang Ammon, imigrado em 1886, o professor Rudolf Damm, imigrado em 1888 e mais tarde radicado em Blumenau, o pastor Wilhelm Rau, além de diversos outros, residentes em localidades vizinhas. Pela técnica, pelo estilo, pelo colorido, qualquer um dos mencionados escritores poderia ter elaborado o poema - a não ser que tenha sido exatamente aquele "primitivo colono alemão de Santa Catarina", que, mais do que qualquer outro, deverá ter conhecido os mistérios do Castelo dos Bugres...

Admitida, pois, a existência irreversível do mundo interior do nosso tão sofrido e tão poluído globo - quem, então, teria sido o seu primeiro visitante?

Segundo o autor de "A Terra Oca", muitos exploradores, das zonas polares afirmam que, à medida que vão se aproximando do pólo, a temperatura vai subindo, quando deveria ser o contrário. À página 132 do livro, Raymond Bernard cita um outro autor, Ottmar Kaub, que assim se expressa a respeito do grande explorador sueco Fridtjof Nansen:

"Marshall Gardner estava certo quando escreveu seu livro em 1920. Em 3 de agosto de 1894, o Dr. Fridtjof Nansen foi o primeiro homem na história a alcançar o interior da terra. O Dr. Nansen ficou perdido e o admitiu. Ele ficou surpreso com o tempo quente lá. Quando encontrou o rastro de uma raposa, reconheceu que estava perdido.

- Como podiam os rastros de raposa estar ali, pensou ele.

Tivesse ele sabido que tinha entrado na abertura que leva ao interior oco da Terra e que esta era a razão por que quando mais ao norte, ficava mais quente, teria encontrado não somente rastros de raposa, porém mais tarde, pássaros tropicais e outros animais e, finalmente, os habitantes humanos desta terra além dos pólos, dentro da qual o Almirante Byrd penetrou por 2.730 quilômetros de avião, e que o enganou completamente". - - -

E teria sido Fridtjof Nansen realmente o primeiro?

Sabe-se que, já em 1869, um quarto de século antes, a Alemanha enviara uma expedição - a segunda expedição alemã - ao Ártico, com a participação de dois navios, o "Germânia" e o "Hansa", sob direção dos comandantes Hegemann e Koldewey, com instruções para subirem pela costa oriental da Groenlândia e alcançarem o Pólo Norte, se possível.

E o nosso "Kolonie-Zeitung" de 24 de dezembro de 1870 apresentou aos seus leitores um relato, datado de 7 de setembro daquele ano, com excertos do diário de um dos participantes da incrível e dramática aventura. Em determinada passagem lê-se o seguinte trecho:

"Em fins de julho (1870), fizemos nova tentativa para prosseguirmos em direção noroeste e chegamos a 79°29", onde encontramos as mesmas barreiras de gelo". E, mais adiante:

"Encontramos terra verdejante, airelas maduras, bétulas e salgueiros, matagais, vegetação alpestre, grande número de renas e bois almiscareiros, muitas lebre alpinas, lagopodes (perdizes brancas) e outras aves. A 15 de agosto fomos obrigados a desistir do prosseguimento da viagem, devido a um vazamento na caldeira e resolvemos, por este motivo e também em vista do adiantado da estação, iniciar a viagem de volta..."

Então teria sido aquela expedição da Alemanha, a descobridora do suposto "Novo Mundo"?

Ou teriam outras expedições ou outros navegantes solitários, de gerações bem anteriores, feito a mesma experiência, sem se darem conta do que realmente lhes estava acontecendo? Há um milênio atrás, segundo conta a História, o norueguês Erico o Vermelho, nascido no ano de 950, refugiou-se na Islândia após cometer um assassinato e perpetrado outro crime, foi banido, o que o levou a seguir viagem em direção Oeste, no ano de 982, assim aportando a uma terra, já descoberta antes, mas não habitada por europeus. Durante três anos explorou ele a costa oriental e a costa ocidental até onde, evidentemente, lhe foi possível navegar e, retornando à Noruega no ano de 985, contou maravilhas da terra por ele descoberta, a que deu o nome de "Groenland", isto é, "País Verde" ou "Terra Verde"...

E porque "Verde" - se a ilha descoberta, a Groenlândia, sempre foi um imenso deserto de gelo eterno, uma terra inóspita até mesmo no Sul e inabitável no Norte, onde a vegetação praticamente inexiste?

Teria Érico o Vermelho ultrapassado os limites da atual Groenlândia? Teria ele penetrado no "lado avesso" do nosso Globo naquele interior supostamente habitado por outra humanidade oriunda da Atlântida ou de qualquer outro continente supostamente submerso em tempos imemoriais?

E o nosso "primitivo colono alemão de Santa Catarina", autor do livro escrito em "alemão antigo" sobre o suposto mundo subterrâneo, e o nosso poeta anônimo, conhecedor do mistério intrigante do nosso Castelo dos Bugres, teriam eles - pelo menos eles - conhecimento do que realmente aconteceu a Érico o Vermelho, há exatamente 1.000 anos atrás?

CONTRIBUA PARA O ACERVO DO AHJ

Arquivo Histórico de Joinville - AHJ
Praça Lauro Müller, s/n
Caixa Postal D-100
89200 - Joinville - SC
Tel.: (0474) 22-2154

Aceitamos doações e fornecemos recibos de jornais, documentos, fotografias antigas

Tradução da ata do lançamento da pedra fundamental da Igreja da Paz, lavrada por Ottokar Doerffel.

Transcrição e Tradução: Maria Thereza Bübel

Colônia Dona Francisca, Joinville, no segundo dia de Pentecostes, 1 de junho do ano de 1857, após o nascimento de Cristo.

Já por ocasião da fundação da Colônia local, a Sociedade Colonizadora de 1849 em Hamburgo teve o cuidado de fazer chegar aos colonos as bênçãos de uma assistência espiritual cristã, e para este fim foi mandado para cá, já em 1851, um pastor evangélico, na pessoa do Dr. Jacob Daniel Hoffmann, de Lübeck, que aqui chegou a 12 de dezembro do citado ano, e, sob a alegre recepção por parte dos colonos, assumiu seu cargo como pastor evangélico e cura da Colônia, deixando-a, entretanto, em julho de 1853, para atender um chamado de Petrópolis, ficando por isso o cargo vago por quase um ano, quando o sr. Pastor Georg Hülzel, ordenado pelo Consistório de Viena e até então pastor evangélico na Boêmia, aqui chegou em junho do ano de 1854 e desde então, assumindo o cargo a ele entregue, desempenhou as funções de um pastor evangélico e cura da Colônia até agora.

Enquanto com isto se atendia às necessidades da assistência espiritual, era preciso contentar-se, no entanto, em celebrar o culto em lugares bem pouco apropriados. Pois para a construção de um templo à altura dos elevados fins, faltavam meios, até que da parte do governo provincial foi concedida, no começo deste ano, a quantia de Dez Mil Milréis, para a construção de um templo evangélico, e o Diretor da Colônia encarregado da execução desta construção.

Assim é que, com a ajuda de Deus, no sétimo ano desde a efetiva fundação da Colônia, foi iniciada a construção deste templo, quando, sob a direção do arquiteto sr. Albert Kröhne, no dia 20 de abril deste ano foi dada a primeira enxada para a base deste templo, e no dia 18 do mês próximo passado colocada a primeira pedra para o mesmo, fixando-se, no entanto, o dia de hoje para o lançamento festivo da pedra fundamental. A direção desta festividade foi entregue à representação dos proprietários pelo Diretor da Colônia, e por estes, através da sua diretoria, a um comité de festas escolhido para este fim.

Em virtude do convite aceito por parte deste comité, reuniram-se hoje de manhã, às 10 horas:

os professores e sua juventude escolar, no templo provisório,

muitos colonos, homens e rapazes, nos arredores desta casa, e

os sócios da Direção da Colônia, além dos especialmente para este fim convidados de honra, nas imediações da Casa de Direção.

Entre estes convidados de honra contava-se também o
 sr. João de Souza Mello e Alwin
 Major dos engenheiros
 de Desterro

representando S. Excia., o Presidente da Província de Santa Catarina,

sr. Dr. João José Coutinho

o qual, convidado pelo Diretor da Colônia, sr. Aubé, para a execução do ato festivo do lançamento da pedra fundamental, e tendo aceito este convite, viu-se impedido de comparecer pessoalmente, nomeando, através de carta do dia 38 do mês, o citado sr. Major Alwin seu representante.

Depois de formado o cortejo pelos que ali se reuniram, dirigiu-se o mesmo, sob acompanhamento musical, ao local da construção, indo os professores e seus alunos na frente, em seguida a banda de música e o coral de cantores, depois o sr. Pastor Hülzel, após este os sócios da Direção da Colônia, além dos convidados de honra, e finalmente os homens e rapazes da Colônia, encerrando o cortejo.

Enquanto isto, reuniram-se no local da construção as senhoras e senhoritas da Colônia, tomando os lugares para elas preparados.

Depois que o cortejo chegou ao local da construção e os diferente grupos tomaram seus lugares, cercado as mulheres e o local da solenidade em semi-círculo oval, teve início a cerimônia, com a comunidade e o coral de cantores entoando o hino de louvor e agradecimento:

"Somente Deus nas alturas seja louvado" etc.

Em seguida o sr. Pastor Hülzel proferiu um sermão solene, encerrando o mesmo com a insistente exortação que, com o lançamento da pedra fundamental do templo, cada um lançasse as bases de um templo de Deus em seu coração. Depois disto, o sr. mestre-de-obras Krühne apresentou as ferramentas, o martelo e a colher de pedreiro numa almofada e entregou a mesma, após a bênção das ferramentas pelo sr. Pastor, para que a obra seja bem sucedida, ao Diretor da Colônia,

sr. Louis François Léonce Aubé,
 como órgão do senhorio de patrocínio, o qual no entanto, sob apropriado discurso em português, passou-a ao sr. Major Alwin, como representante de S. Excia., o Presidente da Província, para a execução das tradicionais três marteladas.

Sob réplica correspondente, o sr. Alwin recebeu as fer-ramentas em nome do Presidente de nossa Província, para em segunda proceder ele mesmo à execução do ato do lançamento da pedra fundamental.

Antes, porém, foi lavrada e finalizada a presente ata para a execução, a fim de colocar a mesma no interior da pedra fundamental.

Com esta ata foram depositados os seguintes documentos, a saber:

- 1 - um exemplar do convite expedido pelo comitê de festas,
- 2 - a lista de presença dos convidados de honra e sócios da Direção,
- 3 - a carta de S. Excia., o Presidente da Província, sr. Coutinho, de 28 do mês
- 4 - o sermão solene do sr. Pastor Hölzel, assim como a bênção e oração final,
- 5 - o discurso do sr. Diretor Aubé, assim como
- 6 - o discurso do sr. Major Alwin
ambos em texto português e tradução alemã,
- 7 - uma planta da cidade de Joinville e arredores, com indicação dos proprietários das terras
- 8 - um exemplar do nº 160 deste ano do jornal "O Mensageiro", de Desterro, que continha notícias sobre a Colônia,
- 9 - um exemplar do nº 34 deste ano do único, na época, jornal alemão a circular no Brasil, "O Imigrante Alemão", o qual trazia um artigo sobre a primeira visita do Presidente da Província à Colônia,
- 10 - um trecho do discurso proferido por S. Excia., o Presidente da Província de Santa Catarina, por ocasião da abertura da Câmara Provincial, no dia 1º de março deste ano, no que se refere à Colônia, assim como a tradução em alemão,
- 11 - a minuta original de uma carta de agradecimento escrita pela representação dos proprietários de terras, em fevereiro de 1857 aos agricultores alemães, na cápsula de zinco destinada para este fim, e depositados na pedra fundamental localizada no canto sudeste do prédio.

Enquanto se entoavam os hinos:

"Louvai a Deus! Graças, louvor e honra!" etc.

e

"Se Deus protege sua igreja, que se enfureça o inferno"
(Mel. Um castelo forte, etc.)

é consumado efetivamente o lançamento da pedra e a festiva solenidade encerrada com uma oração e a bênção do sr. Pastor Hölzel.

Assim aconteceu, etc, foi lido, aprovado e executado.
Registrado por

Ottokar Doerffel
Escrivão da Direção da Colônia e
da diretoria dos proprietários as-
sociados locais.

L. Aubé
J. de Sza. Mello e Alwin
G. O. L. Niemeyer
Frankenberg
F. Heeren

Obs.: Os documentos depositados a 1º de junho de 1857 na urna da pedra fundamental da Igreja da Paz, manuscritos em alemão gótico, foram retirados por ocasião da ampliação da Igreja, em 1960. Microfilmados pelo historiador Carlos Ficker, foram recolocados em outra urna, já que a original se encontrava em adiantado estado de oxidação. Os microfilmes fazem parte do acervo do Arquivo Histórico.

Relatório Trimestral - out./nov./dez., 19851. Atividades:

- 1.1 No dia 1º de outubro, Elly Herkenhoff, historiadora, e Maria Thereza Bübel, responsável, visitaram o Arquivo Público Estadual, para ver da possibilidade de nossa coleção do "Kolonie-Zeitung" ser restaurada e reencadernada no laboratório de restauração do Arquivo Público Estadual. Na ocasião fomos recebidas pelo Diretor Prof. Iaponan Soares de Araújo, que se prontificou a nos ajudar. Acertamos os detalhes de material a ser remetido e a contratação de um estagiário para ajudar e aprender o trabalho. Esta foi uma medida há muito urgente, pois o jornal, desencadernado para microfilmagem, está sofrendo acelerado processo de deterioração, colocando em risco uma das nossas maiores preciosidades, única no mundo. A responsável pela restauração, Valéria Ghanem, tinha viajado a Brasília, para participar de um seminário sobre novas técnicas de restauração o que, no entanto certamente, virá em nosso benefício.
- 1.2 No dia 9 de outubro foi realizada, na Fundação 25 de Julho, uma reunião visando discutir o projeto de conservação do patrimônio cultural originário da imigração germânica em nossa região. Estiveram presentes Angelo Osvaldo de Araújo, secretário do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o Prefeito Municipal, sr. Wittich Freitag, o Presidente da Fundação Cultural de Joinville, Prof. Miraci Dereti, bem como os prefeitos de Garuva, Saul Zamboni, e o de São Bento do Sul, Genésio Tureck; o delegado do SPHAN para o Rio Grande do Sul, Julio Curtis, Dalmo Vieira, delegado do SPHAN de Santa Catarina,

diversas autoridades municipais, representantes da FURJ e da AMUNESC. O Arquivo Histórico de Joinville esteve representado por Elly Herkenhoff e Maria Thereza Bübel.

- 1.3 Em novembro, foi contratada a estagiária Adriana Pereira, para cumprir parte do estágio (fixado em um mês) no Arquivo Público Estadual, em Florianópolis, trabalhando na restauração do "Kolonie-Zeitung", e aproveitando para participar de um curso de encadernação promovido pela Associação dos Amigos do Arquivo Público Estadual.
- 1.4 Iniciamos a transcrição do alemão gótico manuscrito para a letra latina e posterior tradução, de documentos que se encontram na pedra fundamental da Igreja da Paz, à rua Princesa Isabel, e ali depositados no dia 1º de junho de 1857. Estes documentos foram microfilmados pelo historiador Carlos Ficker, e os microfilmes se encontram no Arquivo Histórico. Foram reproduzidos por Kurt Berger, num total de 100 reproduções. O primeiro documento traduzido foi a ata da festa do lançamento da pedra fundamental da igreja, lavrada por Ottokar Doerffel, na época escrivão da Diretoria da Colônia Dona Francisca. Através destes documentos será possível conhecer muita coisa sobre a história dos primeiros anos da Colônia, já que o "Kolonie-Zeitung" circulou a partir de 1862/63.
- 1.5 Por sugestão do Prof. Miraci Dereti, os trabalhos publicados por Elly Herkenhoff sobre a história de Joinville, num total de 40, alguns bastante extensos, serão reunidos num livro a ser editado e lançado por ocasião da inauguração do Arquivo Histórico de Joinville. Todos os trabalhos foram publicados, ao longo dos anos, no jornal "A Notícia", e os recortes estão se perdendo, dete-

riorando, sendo portanto muito boa a idéia da publicação de um livro que reunirá trabalhos focalizando aspectos importantes da nossa história.

2. Visitas:

- 2.1 Em outubro, dia 18, recebemos a visita da sra. Käte Dörrffel-Lettau e seu marido, que moram em Madison, Wisconsin, EUA. A sra. Käte é sobrinha bisneta de Ottokar Doerffel, e é a terceira vez que vem a Joinville, onde tem amigos e participa de um já tradicional encontro dos descendentes da família Kröhne. (A mãe de Ottokar Dörrffel era nascida Kröhne). Acompanhados por Maria Theresza Bübel, o casal Lettau foi recebido pelo Prefeito Municipal, sr. Wittich Freitag, que lhes falou sobre os problemas que Joinville enfrenta atualmente com o crescimento demográfico, acentuado nos últimos anos, e os planos de saneamento e urbanização da região dos mangues. O sr. e sra. Lettau seguiram viagem no dia 19, vivamente impressionados com a visita ao Prefeito. Esteve presente ao encontro, também, o Prof. Miraci Dereti, Presidente da Fundação Cultural de Joinville. Antes de viajar, a sra. Käte falou de sua intenção de fazer uma doação ao novo Arquivo Histórico de Joinville, seja em equipamento ou material encontrado nos Estados Unidos, ou facilitando a sua compra lá, e de voltar a Joinville por ocasião da inauguração do Arquivo.
- 2.2 Do historiador Carlos Hunsche, de Gramados, RS, que na ocasião nos fez doação de várias obras de sua autoria sobre a colonização do Rio Grande do Sul.
4. Doações: Everton V. Chaves, Suzane Botelho, de Joinville; Liane Zuwtsche Klant, de Joinville, 2 livros.

5. <u>Serviços feitos no Trimestre:</u>	
5.1. Cópias xerox.....	136 p.
5.2 <u>Consultas:</u>	
Jornais.....	150
Diário Oficial.....	80
História.....	112
Genealogia.....	<u>4</u>
Total.....	346
5.3 <u>Correspondência:</u>	
Expedida.....	237
Recebida.....	75
5.4 <u>Encadernação:</u>	
Enviados.....	48
Recebidos.....	57
5.5 <u>Recortes:</u>	
Jornais.....	4110 p.
Revistas.....	<u>1784</u> p.
Total.....	5894 p.
5.6 <u>Classificação dos Recortes:</u>	
Jornais.....	4110 p.
Revistas.....	<u>1784</u> p.
Total.....	5894 p.
5.7 Registro em ficha cardex do Jornal Kolonie-Zeitung e duplicatas.....	
	120